

A fluidez do Espaço Esco(Lar) em tempos de pandemia no Amazonas

The fluidity of School Space (Home) in times of pandemic in Amazonas

La fluidez del Espacio Esco(Lar) en tiempos de pandemia en Amazonas

*Ivan Nunes de Souza¹
Maria Olívia de Albuquerque Ribeiro Simão²*

 <https://doi.org/10.28998/2175-6600.2024v16n38pe17539>

Resumo: Em 2020, a pandemia de Covid-19 emerge como um evento inesperado e impactante no meio ambiente, assemelhando-se àquelas situações descritas por Tuan como "paisagens do medo". O necessário confinamento e distanciamento social conduziram a um uso intenso das tecnologias de comunicação, especialmente das redes sociais, intensificando a fluidez nas relações com repercussões sociais e educacionais. Diante disso, esta pesquisa analisou a percepção de professores e alunos do Amazonas sobre a dinâmica social e educacional no âmbito doméstico e escolar. No percurso metodológico, de caráter qualitativo, empregaram-se pesquisa documental, entrevistas semiestruturadas com 30 professores e 30 estudantes do 3º ano do ensino médio, além de análise de conteúdo. Os resultados indicam que o lar assumiu a configuração de "Espaço Esco(lar)", tornando-se um ponto de convergência de demandas, onde a fluidez nas relações se tornou uma característica marcante do contexto pandêmico recente, e o acesso à educação foi temporariamente comprometido, adquirindo novas e urgentes configurações. Além do perigo iminente de contágio pela Covid-19, outros medos e ameaças emergiram de maneira difusa entre professores e alunos durante a pandemia, assumindo a forma de "medo líquido". Ao retornar à escola, observou-se que a sensação de fobia estava diretamente relacionada ao temor de frequentar locais que pudessem representar risco de contágio, aqui denominado "virulofugare", associado à sensação ou intenção de evitar ambientes contaminados.

Palavras-chave: Covid-19. Topos-Escolar Barrado. Liquidez pandêmica. Medo Virtual.

¹ Universidade Federal do Amazonas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7646178980767963>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8355-8402>. Contato: professorivanunes@gmail.com

² Universidade Federal do Amazonas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2594654340373805>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8734-7714> Contato: mariaoliviar@uol.com.br

Abstract:

In 2020, the Covid-19 pandemic emerged as an unexpected and impactful event in the environment, resembling those situations described by Tuan as "landscapes of fear." The necessary confinement and social distancing led to an intense use of communication technologies, especially social media, intensifying the fluidity in relationships with social and educational repercussions. In light of this, this research analyzed the perception of teachers and students from Amazonas regarding the social and educational dynamics within the household and school settings. In the methodological approach, of a qualitative nature, documentary research, semi-structured interviews with 30 teachers and 30 third-year high school students, and content analysis were employed. The results indicate that the home took on the configuration of "School(space)Home", becoming a convergence point for demands, where fluidity in relationships became a prominent characteristic of the recent pandemic context, and access to education was temporarily compromised, acquiring new and urgent configurations. In addition to the imminent danger of Covid-19 contagion, other fears and threats emerged diffusely among teachers and students during the pandemic, taking the form of "liquid fear." Upon returning to school, it was observed that the sensation of phobia was directly related to the fear of attending places that could represent a risk of contagion, here referred to as "virulofugare", associated with the sensation or intention of avoiding contaminated environments.

Keywords: Covid-19. Barred School Tops. Pandemic liquidity. Virtual Fear.

Resumen: En 2020, la pandemia de Covid-19 emerge como un evento inesperado e impactante en el medio ambiente, asemejándose a aquellas situaciones descritas por Tuan como "paisajes de miedo". El necesario confinamiento y distanciamiento social llevaron a un uso intenso de las tecnologías de la comunicación, especialmente de las redes sociales, intensificando la fluidez en las relaciones con repercusiones sociales y educativas. Por lo tanto, esta investigación analizó la percepción de docentes y estudiantes de Amazonas sobre las dinámicas sociales y educativas en el hogar y en la escuela. En el enfoque metodológico cualitativo se utilizó la investigación documental, entrevistas semiestructuradas a 30 docentes y 30 estudiantes del 3er año de secundaria, además del análisis de contenido. Los resultados indican que el hogar asumió la configuración de un "Espacio Esco(lar)", convirtiéndose en un punto de convergencia de demandas, donde la fluidez en las relaciones se convirtió en un rasgo llamativo del reciente contexto de pandemia, y el acceso a la educación se comprometió temporalmente, adquiriendo nuevas y Configuraciones urgentes. Además del peligro inminente de contagio de Covid-19, otros miedos y amenazas surgieron de forma difusa entre profesores y estudiantes durante la pandemia, bajo la forma de "miedo líquido". Al regresar a la escuela, se observó que el sentimiento de fobia estaba directamente relacionado con el miedo a acudir a lugares que pudieran suponer riesgo de contagio, aquí llamados "virulofugare", asociado al sentimiento o intención de evitar ambientes contaminados.

Palabras clave: COVID-19. Tops escolares prohibidos. liquidez pandémica. Miedo virtual.

1 INTRODUÇÃO

Em 2020, a pandemia de Covid-19³ surge como um evento inesperado e impeditivo do meio ambiente, como aqueles denominados por Tuan (2005) como "paisagens do medo", trazendo consigo a necessidade de confinamento e distanciamiento social⁴ para evitar o risco de contágio pelo SARS-CoV-2. Naquele período, o intenso uso de tecnologias de comunicação, sobretudo das redes sociais, intensificou a liquidez nas

³ A pandemia de Covid-19 causou aproximadamente 7 milhões de óbitos em todo o mundo. Deste total, mais de 700 mil pessoas eram brasileiras.

⁴ Como medida protetiva, o distanciamiento social e a proibição de aglomerações foram impostas no Amazonas pelo Decreto n.º 42.061/2020, que dispôs sobre a emergência na saúde pública no estado do Amazonas e o fechamento das escolas. Essas medidas foram reforçadas pelo Decreto n.º 42.099/2020, que determinou o fechamento de restaurantes, bares, igrejas e similares, naquele período.



relações, conforme aquelas descritas por Bauman (2001), substituindo o contato direto por mensagens de texto, bem como as relações de trabalho, de consumo e de estudo por *home office*, *delivery* e ensino remoto, respectivamente.

Neste contexto, o ensino remoto foi adotado em diversos países⁵ para evitar o contato físico direto nas escolas. Essas mudanças fizeram da casa um lugar de convergência de demandas domésticas e institucionais, de relações de trabalho, de consumo e de estudo, que denominamos de Espaço Esco(Lar).

O Espaço Esco(Lar) é um espaço fluido, emergencial e inconstante que, durante o período de confinamento e do ensino remoto, manteve, ao mesmo tempo, os atributos característicos da casa, descritos na psicologia social do ambiente de Fischer (1994) como local de abrigo, identidade e intimidade. Nele foram incluídas as caracterizações para o atendimento ao trabalho como a imposição da técnica, a exclusão do supérfluo com vistas a atingir maior funcionalidade e os bons resultados, ao mesmo tempo que buscou atender as exigências institucionais da escola, por meio do ensino remoto, que impôs a função social definida pela escola para o lar, trazendo remotamente muitos indivíduos (alunos e professores) para dentro da casa, o que exigiu certo controle e regulação, sobretudo da frequência e do atendimento virtual aos alunos.

Tornou-se imperativo, verificar a forma como professores e alunos perceberam esse espaço de convergência que se impôs de forma fluida, emergencial e inconstante, denominado de Espaço Esco(lar), ainda pouco conhecido. Também foi preciso identificar a percepção dos participantes, acerca da escola, por ocasião do retorno gradativo das aulas semipresenciais ou híbridas⁶, ocorridas naquele mesmo ano. Esta pesquisa oportuniza a compreensão destas questões, bem como poderá contribuir para futuras pesquisas correlatas.

2 METODOLOGIA

Nossos pressupostos teórico-metodológicos foram fundamentados na obra de Tuan (2005), Bauman (2001) e Fischer (1994), bem como aquelas de autores que tratam de assuntos correlatos à pesquisa, a saber: a ocorrência de eventos inesperados impeditivos do meio ambiente, a liquidez nas relações e as funções sociais da casa, do

⁵ Durante a pandemia de Covid-19, o ensino remoto foi adotado em diversos países (Magalhães, 2021), sobretudo os europeus, com maior ou menor êxito, “devido a fatores diversos, como dificuldades de alunos e professores acompanharem as aulas e falta de acesso de parcela da população às tecnologias” (Arruda, 2020, p. 260).

⁶ O retorno gradual das aulas nas escolas do Amazonas foi autorizado pelo Decreto n.º 42.608/2020, tendo ocorrido entre os dias 10 e 24 de agosto de 2020, no âmbito do ensino médio e fundamental.



trabalho e das instituições, descritas pela psicologia social do ambiente, ancorados nas experiências vivenciadas durante a pandemia de Covid-19 por professores e alunos do ensino médio. Para tanto, foram tomados como referência a leitura, o fichamento e a discussão das obras selecionadas, que serviram como lentes para interpretar os fenômenos estudados.

Em campo, foram realizadas 60 entrevistas, de forma remota, com 30 professores e 30 alunos maiores de 18 anos, vinculados às escolas estaduais da Região Metropolitana de Manaus. Nas entrevistas, foram feitas duas perguntas aos participantes, para verificar a percepção dos envolvidos acerca do ambiente da casa durante o período de confinamento e ensino remoto, bem como da escola, após o retorno gradativo das aulas presenciais, como demonstrado no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1. Perguntas realizadas aos alunos e professores participantes da pesquisa - Percepção dos envolvidos.

Nº.	Perguntas
01	Qual a sua percepção do ambiente de sua casa, no período de aulas remotas, durante a pandemia de COVID-19?
02	Qual a sua percepção da escola, ao voltar as atividades presenciais de ensino neste ambiente?

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para a realização das entrevistas com professores e alunos, utilizou-se a técnica *snowball*, conforme descrita por Maia (2020), Minayo (2017) e Vinuto (2014), seguindo a indicação de possíveis participantes. Esta pesquisa teve uma abordagem qualitativa e as entrevistas foram analisadas com o auxílio das técnicas de Análise de Conteúdo (Bardin, 2016; Franco, 2005; Maia, 2020). Esses procedimentos foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas (CEP/UFAM), mediante o Parecer n.º 5.876.620.

3 A PANDEMIA DE COVID-19 COMO EVENTO INESPERADO IMPEDITIVO DO MEIO AMBIENTE

Diferentemente da pandemia de 1918⁷, que ceifou a vida de aproximadamente 50 milhões de pessoas e seu impacto só foi contabilizado após anos de sua finalização, o avanço da pandemia de Covid-19 pelo mundo foi acompanhado em tempo real. As emissoras de TV e mídias sociais davam conta dos números, a partir de boletins diários

⁷ Com o primeiro caso de influenza registrado no Kansas, Estados Unidos, a pandemia de 1918, denominada gripe espanhola, dizimou aproximadamente 1/3 da população mundial (Martini *et al.*, 2019; Taubenberger e Morens, 2006).



de casos de contaminação e óbitos e as imagens de acometidos e vítimas da doença nas unidades de saúde, e documentavam abertura de covas coletivas e superlotação⁸ de leitos de UTI (Unidade de Tratamento Intensivo), dentre outras ocorrências.

Essas informações e imagens eram diariamente compartilhadas e postadas em redes sociais, aumentando exponencialmente as cenas de terror, criando verdadeiras “paisagens do medo” e deixando as pessoas em constante estado de “alerta” e “ansiedade”, como nas situações apontadas por Tuan (2005). O autor, em um estudo sistemático, realizado acerca da complexidade do medo em diferentes épocas e sociedades, identificou dois componentes distintos que possuem características indelévels do que ele denominou de paisagens do medo, o “sinal de alerta” e a “ansiedade”

Para Tuan (2005), eventos inesperados e impeditivos do meio ambiente, como pandemias⁹, secas, incêndios, inundações e terremotos, assim como o vivenciado por ocasião da pandemia de Covid-19, levam os indivíduos à busca por abrigo e proteção, frente ao ambiente ameaçador. Ao longo da história, o medo de aproximação da morte diante das paisagens topofóbicas foram vivenciadas sob a forma de ansiedade e medo, desde os ambientes primitivos, considerados hostis, até a vida em complexas sociedades tecnológicas, como a atual.

Em um desastre natural como uma inundação, as autoridades e a população lutavam contra um inimigo natural externo. Em uma epidemia, os próprios seres humanos eram a maior causa de medo. As pessoas temiam o doente tanto quanto os suspeitos de estar doentes. Estes temiam os poderes extraordinários das autoridades, que podiam encerrá-los em hospitais imundos, que na verdade eram armadilhas mortais (Tuan, 2005, p. 166).

Embora Tuan (2005), ao analisar os eventos impeditivos do meio ambiente, faça distinção entre as epidemias e os demais eventos ambientais, faz-se necessário destacar que alguns autores relacionam as causas das pandemias a problemas ambientais. A esse respeito, Tollefson (2020), em um estudo sistemático realizado em seis continentes, destaca que:

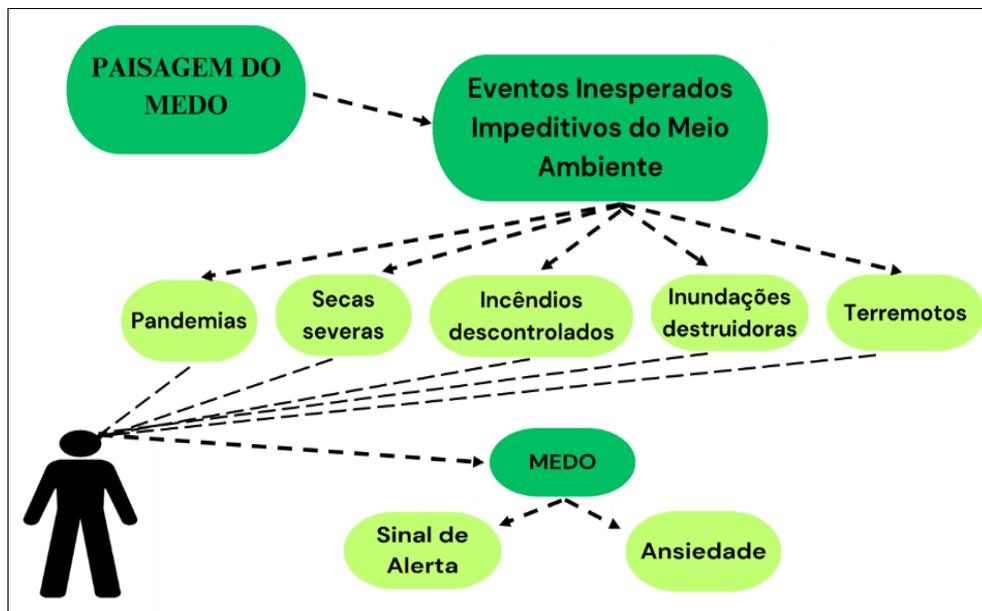
⁸ Durante a pandemia de Covid-19, o sistema de saúde do Amazonas entrou rapidamente em colapso, mostrando que o setor já vinha enfrentando fragilidades históricas, como apontado por Galvão, (2003), Silva (2017) e Silveira e Pinheiro (2014). A frágil capacidade de atendimento médico, na maioria dos municípios do interior amazônico, foi rapidamente colapsada, frente a crescente letalidade do vírus, levando os magistrados destes municípios a intervirem, por meio de medidas judiciais, impondo deslocamentos aéreos de pacientes graves para tratamento em Manaus. Essas remoções se tornaram cada vez mais frequentes e com a completa ocupação dos leitos, agravada pela falta de oxigênio no Amazonas, muitos pacientes foram removidos para outros estados da Federação.

⁹ “As doenças com proporções pandêmicas, mais do que outras calamidades naturais, tendiam a produzir tais efeitos, em parte porque suas origens eram menos conhecidas e em parte porque suas trajetórias pareciam mais erráticas” (Tuan, 2005, p. 165-166).



A análise de cerca de 6.800 comunidades ecológicas em 6 continentes se soma a um crescente corpo de evidências que conecta tendências no desenvolvimento humano e perda de biodiversidade a surtos de doenças – mas não projeta onde novos surtos de doenças podem ocorrer (Tollefson, 2020, p. 175).

Figura 1. Paisagem do Medo, frente a eventos inesperados impeditivos do meio ambiente, Tuan (2005).



Fonte: Elaborado pelos autores, a partir de Tuan (2005), Yi-fu. *Paisagens do Medo*. UNESP, 2005.

Diversos estudos associam eventos que impactam o meio ambiente, como desmatamentos de florestas tropicais, ao aumento do risco de transmissão de patógenos. Essas perturbações ambientais, fruto do desenvolvimento insustentável, parecem esconder complexas interações entre humanos e animais silvestres, em um intrincado nexo causal e epidemiológico existente entre a fragmentação destas florestas e a consequente extinção e redução de espécies, propensas a serem portadoras de patógenos que podem sofrer mutações para adaptar-se ao novo ambiente degradado, aumentando o risco de causar novas epidemias (Brancalion *et al.*, 2020; Campello; De Oliveira; Do Amaral, 2021; Pierro; Jacobi, 2021; Tollefson, 2020).

4 DA PAISAGEM DO MEDO À LIQUIDEZ PANDÊMICA

De forma análoga ao ocorrido em outras épocas, como as descritas por Tuan (2005) na Europa medieval, onde a exibição da morte em público tinha como palco cadafalsos e forcas com a função de criar paisagens do medo, a intensificação da cobertura da pandemia de Covid-19 em tempo real pelos *sites*, redes sociais e mídia em

geral possibilitou a desterritorialização¹⁰ da paisagem do medo. Foi criada uma paisagem do medo virtual, ampliando o estado de alerta e ansiedade em escala global, intensificando a inconstância, a insegurança e a incerteza, demonstrando não restarem lugares seguros ou abrigos livres da sensação de onipresença do novo coronavírus.

No tocante a isso, Bauman (2022, p. 128) destaca que “os medos são também de tipo líquido – ou seriam gasosos? Eles flutuam, exsudam, vazam, evaporam. Ainda não se inventaram paredes capazes de detê-los”. Conforme o autor:

O que mais amedronta é a ubiquidade dos medos; eles podem vazar de qualquer canto ou fresta de nossos lares e de nosso planeta. Das ruas escuras ou das telas luminosas dos televisores. De nossos quartos e de nossas cozinhas. De nossos locais de trabalho e do metrô que tomamos para ir e voltar (Bauman, 2022, p. 11).

Com o recrudescimento da pandemia de Covid-19, pelo uso das tecnologias de comunicação, conseqüentemente a liquidez das relações foi intensificada, possibilitando as pessoas trabalharem a partir de suas residências e usufruírem de produtos e serviços como telemedicina, *delivery*, exames laboratoriais em domicílio, *home office* e aula em casa, durante os períodos de confinamento para evitarem o risco de contágio.

Nesse ínterim, algumas expressões começaram a frequentar o cotidiano da população: “quarentena”, “distanciamento social”, “restrição à circulação”, “lockdown”. A sociedade foi literalmente obrigada a substituir, em um curto espaço de tempo, abraços por emojis, reuniões e aulas presenciais por videoconferências, turismo tradicional por turismo virtual, escritórios por home office e apresentações artísticas por lives (Da Conceição; Dos Santos; Soares, 2020, p. 136).

Com a necessidade de distanciamento social, as relações foram virtualizadas, o comércio e as instituições em geral tiveram que demonstrar maleabilidade para atender às novas e emergenciais demandas impostas pela pandemia de Covid-19, sendo possível afirmar que a liquidez nas relações se tornou uma característica indelével do ambiente pandêmico recente.

Retratada por Bauman (2001), a liquidez tem se mostrado uma característica marcante do ambiente pandêmico recente, capaz de tornar momentaneamente liquefeitas relações até então consolidadas, como as vivenciadas no espaço institucional de trabalho, de ensino, de moradia e de consumo, modificando as rotinas das empresas, dos órgãos governamentais, das escolas e das famílias.

¹⁰ Cunhado por Deleuze e Guattari (2010), a desterritorialização se refere à quebra ou transformação do vínculo com o território, para descrever um amplo processo de troca e reconfiguração de contextos, desde deslocamento, migração e globalização que afetam identidades e culturas. Para os autores “*Sobre as ruínas mais ou menos longínquas de um estado despótico, encontram-se uma situação totalmente nova: a decodificação e desterritorialização dos fluxos*” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 51). Já em Levy (1996, 1999) a desterritorialização está relacionada às transformações sociais e culturais provocadas pela difusão das tecnologias digitais. Para este autor, a desterritorialização ocorre quando os signos se desprendem do suporte material e passam a circular de forma virtual no ciberespaço, através das redes de comunicação de maneira desterritorializada.



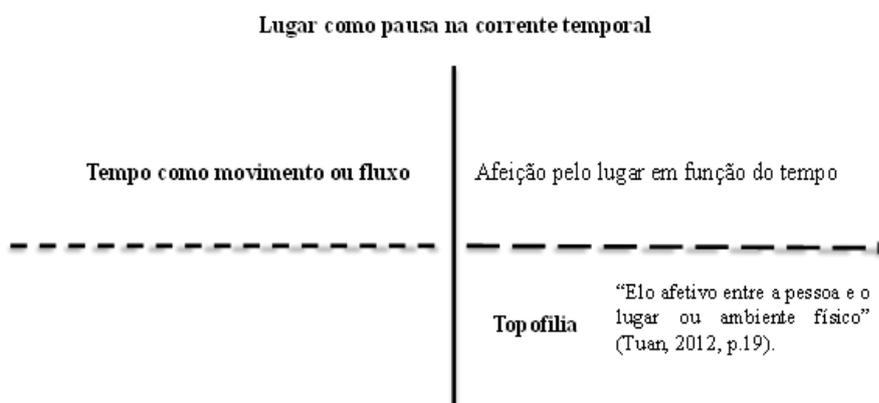
As relações comumente estabelecidas entre os indivíduos, no âmbito das instituições, foram momentaneamente dissolvidas ou rearranjadas. Neste bojo, o acesso à educação foi momentaneamente liquefeito, ganhando novas e emergenciais configurações.

Essa incapacidade de manter a forma, essa momentânea impermanência das coisas, tão presente no ambiente pandêmico recente, remete-nos, embora em outros contextos, ao pensamento do filósofo grego Heráclito de Éfeso, do geógrafo chinês Yi-Fu Tuan e do sociólogo polonês Zygmunt Bauman. Para esses autores, a ideia de “realidade”, do “fluxo tempo-lugar” e da “modernidade” estão diretamente relacionados à ideia de movimento ou fluxo, como pode ser observado através das metáforas do “rio” e do “tempo e lugar” e do “líquido”, respectivamente:

A ideia de fluidez, presente na filosofia de Heráclito (540-470 a.C.), é constituída por aforismos, presentes nos fragmentos B 12: “Aos que entram no mesmo rio, outras e outras águas sobrevêm, e psiquês emanam do úmido”. Assim como no fragmento B 49a: “Nas correntes dos mesmos rios, entramos e não entramos, somos e não somos”. Esses fragmentos foram traduzidos por Schüler¹¹ (2000, p. 111 e 135).

A ideia de fluxo está contida nas abordagens apresentadas por Tuan para explicar a relação existente entre tempo e lugar, a saber: “tempo como movimento ou fluxo e lugar como pausa na corrente temporal; afeição pelo lugar como uma função de tempo (**Topofilia**)” (Tuan, 2013, p. 219, grifo nosso). (Figura 2).

Figura 2. A relação tempo-lugar-filia como movimento e pausa no fluxo temporal.



Fonte: Elaborado pelos autores, a partir de Tuan (2012, 2013)

A ideia de movimento e pausa no fluxo ou corrente temporal está no cerne das principais categorias elaboradas por Tuan, como “espaço”, “lugar” e “topofilia”. Para Tuan

¹¹ Schüler, Donald. Heráclito e seu (dis)curso. Porto Alegre: LP&M, 2000.

(2013), um “espaço” se torna “lugar”, quando o indivíduo desenvolve uma ligação afetiva com ele, a partir das experiências imbuídas de significado e, por este motivo, posicionam-se para além do mero sentido de localização espacial ou geográfica. Desse modo, o lugar consiste no espaço vívido da experiência, que atribui ao mundo um significado organizado. A ideia de lugar (ou *topos*) representa segurança, um elo afetivo (ou *filia*) forjado e percebido de variadas formas, em suas distintas intensidades e visões de mundo, experienciado pela pausa no fluir da vida, adquirindo, ao final da viagem, reconhecimento e valor.

Já Bauman recorre à metáfora da liquidez para retratar a modernidade líquida, ao associar a leveza aparente dos líquidos à inconstância e à mobilidade dos fluidos, compatível com o caráter efêmero das instituições, dos indivíduos e das suas relações na sociedade moderna. “Essas são razões para considerar ‘fluidez’ ou ‘liquidez’ como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, nova de muitas maneiras, na história da modernidade” (Bauman, 2001, p. 9).

Bauman (2001) descreve a liquidez de forma clara e distinta, tornando-a a principal vertente de sua obra:

O que todas essas características dos fluidos mostram, em linguagem simples, é que os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas “por um momento”. Em certo sentido, os sólidos suprimem o tempo; para os líquidos, ao contrário, o tempo é o que importa (Bauman, 2001, p. 8).

Para o autor, a liquidez tornou-se uma característica marcante da chamada sociedade líquida, segundo a qual as principais narrativas em torno dos conceitos de “tempo-espaço”, “trabalho”, “comunidade”, “emancipação” e “individualidade” tendem a se dissolver. Em meio à liquidez, é possível vislumbrar a fragmentação e a instantaneidade das redes virtuais, pelo trabalho instável e efêmero, pela descartabilidade dos laços entre indivíduos nas comunidades virtuais, pela individualidade cega e consumista e pelo esfacelamento da cooperação e da solidariedade.

Esse estado de coisas, se comparado ao período medieval, quando famílias inteiras eram emparedadas durante o confinamento, por ocasião de epidemias, como registrado por Tuan (2005), pode nos levar a pensar que, com a recente virtualização das relações, sobretudo com vasta gama de serviços disponibilizados durante o período de confinamento para evitar o risco de contágio pelo SARS-CoV-II, reduziu-se, de alguma



forma, a sensação de medo. Todavia esses fatores contribuíram para o acirramento da sensação de alerta e ansiedade, características do medo, entre uma considerável parcela da população que não dispunha dos meios tecnológicos necessários para o enfrentamento da situação posta.

Naquele período, e ainda hoje, muitas pessoas não tiveram acesso aos recursos tecnológicos e à internet, que se mostraram tão necessários, bem como à assistência médica, sobretudo em estados da região Norte do país, em localidades rurais e distantes da capital¹², em um período em que os testes rápidos eram caros e escassos e a corrida pela vacina ainda estava em curso.

Para essa parcela da sociedade, o medo se configurava também pela escassez e falta de acesso às possibilidades apresentadas pelas estratégias até então adotadas. Eles estavam à margem das soluções pensadas pelo estado para diminuir o problema. Dessa forma, a carência de recursos de toda ordem, por parte desta população, sobretudo dos recursos tecnológicos em meio à pandemia de Covid-19, atuou como fator de intensificação do estado de “alerta” e “ansiedade”.

Para além do perigo imediato de morte¹³ pela Covid-19, outros temores e ameaças surgiram, de forma diluída, entre professores e alunos durante a pandemia recente, passando a se configurar como medo de segundo grau, denominado por Bauman (2022) como “medo líquido”.

Para o autor, o medo líquido é um medo derivado inculcado socialmente, que se manifesta sob a forma de ansiedade constante e insegurança, em relação às perspectivas futuras, em um ambiente onde as certezas se desfizeram, foram diluídas ou estão fora de controle, no âmbito social, profissional e econômico, levando as pessoas a buscarem proteção em aparatos tecnológicos, instituições ou espaços segregados.

A esse respeito, Coelho e Reis (2021) destacam que:

Essa situação produz angústia, ansiedade constante e o medo líquido: temor do desemprego, da violência, de ficar para trás, e principalmente de não se encaixar mais nesse novo mundo que muda num ritmo cada vez mais veloz. A pandemia

¹² Um dos problemas enfrentados pelos estados da Região Norte na área de saúde é a dificuldade de acesso à assistência médica, devido à má distribuição de médicos entre áreas rurais e urbanas, e entre capitais e interior. Silveira e Pinheiro (2014, p. 453) destacam que “a parcela de médicos registrados no interior representa 26,9% na Região Norte como um todo e se mantém, na maioria dos estados, entre 5% e 30%, sendo o Amazonas, aquele que tem o menor percentual (6,9%)”. Com mais de 93% dos médicos atuando na capital, esses dados mostram a ausência de políticas públicas e infraestrutura de apoio capazes de fixar médicos nos municípios do interior do Amazonas. As desigualdades de acesso aos serviços de saúde, que ocorrem sob a forma mais perversa de exclusão do tipo centro/periferia, interior/capital, foram agravadas durante a pandemia, deixando literalmente caboclos, ribeirinhos e comunidades indígenas à margem dos serviços de saúde imprescindíveis, durante o recrudescimento da pandêmico no estado.

¹³ O medo ontológico da morte, foi definido como medo primal, por Bauman (2022).



do novo coronavírus só intensificou e deve continuar intensificando esse processo de liquidez (Coelho; Reis, 2021, p. 31).

O medo líquido se manifestou sob a forma de medo de não conseguir trabalhar remotamente, seja pela ausência de recursos tecnológicos ou pela dificuldade em dominá-los em pouco espaço de tempo, medo de compartilhar suas aulas ou de se expor, medo de ser reprovado, medo de ficar em desvantagem ou em defasagem de aprendizagem, ou ainda, de não ser aprovado nos exames vestibulares.

5 O ESPAÇO ESCO(LAR), FLUIDO, EMERGENCIAL E HÍBRIDO, EM TEMPOS DE PANDEMIA NO AMAZONAS

Em um fluxo sem precedentes, a educação teve que se adequar às exigências de confinamento e distanciamento social frente ao ambiente pandêmico recente e demonstrar toda a sua fluidez diante das mudanças impostas. Essa liquidez da educação ganhou força e velocidade até então inimagináveis, movida pela tensão de forças causadas pela pandemia, obrigando escolas e universidades a readaptarem-se ao tempo-espaço-pandêmico, trazendo a necessidade de distanciamento social, suspensão das aulas presenciais e cuidados com a biossegurança de estudantes, professores e demais profissionais da educação, bem como o desenvolvimento de estratégias distintas e, muitas vezes, improvisadas para oferecer aulas remotas em caráter emergencial, de modo a garantir o direito à educação.

A educação assumiu muitas formas no passado e se demonstrou capaz de adaptar-se à mudança das circunstâncias, de definir novos objetivos e elaborar novas estratégias (...). Em nenhum momento crucial da história da humanidade, os educadores enfrentaram desafio comparável ao divisor de águas do que hoje nos é apresentado. A verdade é que nós nunca estivemos antes nessa situação (Bauman, 2011, p. 125).

Como resultado das medidas adotadas na área de educação em tempos de pandemia, o espaço institucional da escola, até então bem definido, os espaços residenciais, seguros e conhecidos, assim como os espaços ambientados para o trabalho, foram momentaneamente misturados, confundidos, ganhando configurações sociais híbridas, estando contidos, momentaneamente, em um único espaço, a casa, que ganhou novas e emergenciais conotações.

Como estratégia pedagógica, o ensino remoto foi adotado em diversos países e, com ele, a escola parece ter sido dissolvida, perdendo momentaneamente suas fronteiras ou qualquer noção de limite, passando a misturar-se e confundir-se com as rotinas domésticas, institucionais da escola e do trabalho em casa. Dessa forma, as atividades

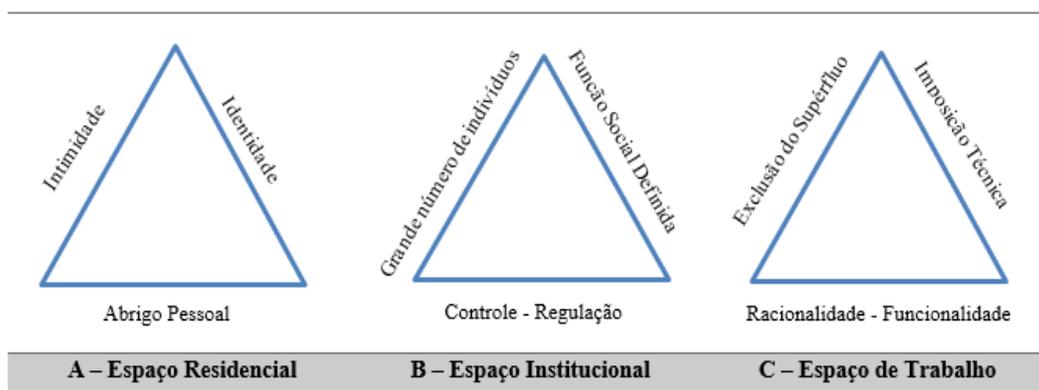


escolares e, em alguns casos, as atividades de trabalho de casa (*home office*) dos pais ou professores concorreram com as atividades domésticas em rearranjos e improvisos para atender às emergenciais demandas da família.

Todavia, estudar ou trabalhar remotamente, a partir de casa, parece não ser uma tarefa tão simples. Conforme a psicologia social do ambiente, existem diferentes funções sociais e ambientação dos espaços institucionais, como as escolas, que os diferem dos espaços residenciais, assim como dos espaços de trabalho. Isso se deve ao fato de esses espaços serem produzidos socialmente, em suas maneiras de ser e seus comportamentos, comumente modulados culturalmente em razão do ordenamento, das atividades e das relações que neles se produzem, conforme descritos por Fischer (1994), na obra “Psicologia Social do Ambiente¹⁴”, sobretudo em razão da experiência social e do fator temporal, que fez de cada um desses espaços lugares, ocupados durante um período relevante.

Fischer (1994, p. 15) destaca que “[...] vivemos sempre em um espaço. Longe de ser tão só um quadro puramente exterior, ele é a matriz que forma todas as nossas relações na sua complexidade, ao mesmo tempo que é, como elas, o resultado de fatores culturais, sociais e institucionais”. De acordo com o autor, existem diferenças acentuadas entre os espaços residenciais que os distinguem dos espaços de trabalho, assim como dos espaços institucionais, como a escola. (Figura 3).

Figura 3. Características e funcionamento social do espaço, segundo Fischer (1994). A – Espaço Residencial, B – Espaço Institucional, C – Espaço de Trabalho.



Fonte: Elaborado pelos autores, a partir de Fischer (1994).

Para Fischer (1994), os espaços residenciais representam o espaço da intimidade, o lugar onde é possível reconhecermos mais fortemente a própria identidade, evidenciando o valor da casa como uma concha pessoal, onde é possível abrigar-se das pressões exteriores.

¹⁴ FISCHER, Gustave N. **Psicologia Social do Ambiente**. 2. ed. Lisboa: Editora Instituto Piaget, 1994.

Para o autor, os espaços institucionais, por sua vez, designam o quadro de organização do espaço, ambientados para atender diversas integrações de determinado grupo, cujas características determinam a sua ambiência e funcionamento, portanto é um espaço ligado a uma função definida, com atividades e situações particulares. Esses espaços exercem atividades em respostas a uma demanda social específica, como escolas, hospitais, prisões e residências de longa permanência para pessoas idosas. Em suma, esses espaços são voltados a atender um conjunto de pessoas, exigindo um certo tipo de controle de horários e regulação de procedimentos.

Já os espaços de trabalho, que embora possam, em certos aspectos, ser assimilados pelos espaços institucionais, possuem, porém, segundo o autor, suas especificidades e são organizados em função de uma atividade profissional, que tem como premissa a racionalidade e a imposição da técnica, com o intuito de reduzir ou eliminar o supérfluo, ou tudo que for inadequado à obtenção dos bons resultados e desempenho laboral (Fischer, 1994).

Segundo Fischer (1994, p. 16), essa relação com o ambiente é sempre socialmente construída, pois “uma abordagem do espaço deverá ter em conta essa relação dialética entre o meio tal como encontramos e a atividade humana que aí se manifesta, olhando a relação do homem com o espaço socialmente produzido”.

Os espaços, como definidos por Fisher (1994), mostram o quão complexa foi a tarefa de fazer a escola fluir para dentro das casas, através do ensino remoto e do *home office* dos professores, em plena pandemia, quando o derretimento momentâneo desses espaços fronteiriços passou a compor uma mistura inovadora, não totalmente solúvel, com característica líquida, fluida e em constante reconfiguração, que denominamos nesta pesquisa de Espaço Esco(Lar).

De modo especial, chamamos a atenção para o que ocorreu com a educação no Amazonas, que foi ofertada de forma mediada por meio do Projeto “Aula em Casa”, quando ocorreu a institucionalização do ensino remoto, trazendo em seu bojo a incorporação da “escola” no espaço e cotidiano de todos da família, resultando no que caracterizamos, no âmbito desta pesquisa, como Espaço Esco(Lar), como demonstrado na Figura 4, a seguir.



Figura 4. Anel Tetralógico elaborado a partir dos usos sociais do espaço da casa durante a pandemia.



Fonte: Adaptado de Morin (2002). Elaborado pelos autores, a partir de Fischer (1994).

O Espaço Esco(Lar) é um espaço de convergência fluido, emergencial e inconstante, que apresentou configurações e reconfigurações, levando professores e alunos a vivenciá-lo de diferentes formas. Todavia a percepção acerca do espaço do lar, durante o ensino remoto, ainda é pouco conhecida.

6 PERCEPÇÃO DA CASA, SOB A ÓTICA DOS PROFESSORES E ALUNOS, PARTICIPANTES DA PESQUISA

Para verificar a percepção dos envolvidos acerca do ambiente da casa, durante o período de confinamento, foi dirigida a seguinte pergunta aos participantes: “Qual a sua percepção do ambiente de sua casa, no período de aulas remotas, durante a pandemia de COVID-19?”. A partir das respostas dadas pelos participantes, foi possível agrupá-las em três categorias: 1. Liquidez Pandêmica, 2. Topofilia e 3. Espaço Esco(Lar).

Na categoria Liquidez Pandêmica, foram identificadas, a partir das falas dos participantes, três subcategorias: 1. Paisagem do Medo Virtual; 2. Medo Líquido e; 3. Liquidez nas Relações. Para as categorias Topofilia e Espaço Esco(Lar), foram identificadas as subcategorias Confinamento-Lugar-Filia e Convergência Casa-Escola, respectivamente. Segundo os relatos, foi possível identificar traços característicos para cada uma das subcategorias, vinculando-as aos respectivos aportes teóricos, conforme demonstrado no quadro 2.

Quadro 2. Percepção dos professores e alunos acerca do ambiente da casa, durante o período de aulas remotas e confinamento, para evitar o risco de contágio pelo SARS-CoV-II, por categoria, subcategorias, traços característicos e aportes teóricos. Conforme: (A) Professores; (B) Alunos. N=60.

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	PERCEPÇÃO	Traços Característicos/ Aporte Teórico
Liquidez Pandêmica	Paisagem do Medo Virtual	<p>Relatos A: (1) <i>Foi bem difícil, na minha casa eu tentava me isolar, me concentrar no trabalho da escola, mas chegava no grupo do WhatsApp mensagens de falecimento de colegas, de conhecidos, ou alguém postava notícias do número de mortes nos hospitais, não tinha como evitar aquele medo, aquele receio.</i> (2) <i>Rapaz, mesmo confinado em casa, era medo o tempo todo, era como se a gente estivesse vivendo algo surreal, a minha esposa acompanhava as notícias e ficava aterrorizada, era só morte em todo lugar.</i></p> <p>Relatos B: (1) <i>A casa vivia trancada, não entrava ninguém por causa do vírus, o único lazer era a TV ou o celular, mas era só ligar a televisão que dava desespero de ver tanta morte.</i> (2) <i>Lá em casa, não tinha nenhum lugar do tipo, só tinha terreiro, mas mesmo assim não saíamos, pois o medo era grande e não ligamos a TV por um bom tempo, por causa das notícias, foi horrível.</i></p>	Virtualização exacerbada da paisagem do medo, durante o confinamento/Bau man, 2022; Tuan, 2005
	Medo Líquido	<p>Relatos A: (1) <i>Ficar em casa me causou ansiedade, tive que procurar ajuda de um profissional através de teleconsulta, a minha ansiedade em casa aumentava pela falta de convívio social, então procurei interagir mais virtualmente no WhatsApp, Instagram. Também tinha muita dificuldade para aprender a usar o Meet, para participar das reuniões, no começo fiquei com medo de não conseguir me adaptar ao ensino remoto, por conta da tecnologia.</i> (2) <i>Confinadas em casa, eu e minha irmã que também é professora, fazíamos tudo de forma remota, olha, foi uma experiência nova para a gente e nos causou muito medo e receio, pois no primeiro momento tínhamos que fazer reunião via Google Meet ou outros meios e tínhamos dificuldade, muito receio mesmo até de pedir para falar, de abrir a câmera, porque a internet não funcionava, falhava muito, era um bicho-papão.</i></p> <p>Relatos B: (1) <i>Onde moramos só tem um cômodo, então particularmente não tinha um local apropriado para estudar e só tinha um aparelho celular em casa, para mim foi horrível, porque eu estava iniciando o ensino médio, já pensando em fazer uma faculdade e sei que fiquei prejudicada nos estudos, porque acabei perdendo conteúdo e também fiquei com medo de ser reprovada, mas acabou que depois aprovaram todo mundo.</i></p>	Medo de ficar para trás, em desvantagem/Bau man, 2022
	Liquidez nas Relações	<p>Relatos A: (1) <i>Foi um período de muitas restrições, a minha casa era uma prisão domiciliar. Não podia sair para trabalhar, para ir à drogaria, visitar os parentes, tive que começar a fazer tudo de casa, fazia compras, pedia comida, remédio, passava mensagens, era tudo pelo celular e, para tudo isso, haja internet.</i> (2) <i>Na minha casa os meios tecnológicos, as redes sociais tomaram conta, usava muito o WhatsApp na relação de acompanhamento aos alunos, até com a família, tive que ensinar a minha mãe pelo telefone, a fazer videochamada pelo WhatsApp, para poder ver como ela estava e matar a saudade.</i> (3) <i>Ficamos isolados em casa, o portão era trancado e toda a nossa alimentação era delivery, a comunicação que tivemos era online com professores, com alunos, com os pais dos alunos, com os superiores da SEDUC, também os treinamentos, a especialização que cursava, enfim tudo era online.</i>(4) <i>Ao mesmo tempo que havia certa emoção, devido a tudo que estava acontecendo, em casa ficamos sobrecarregados, porque era uma grande quantidade de pessoas enviando e recebendo mensagens ao mesmo tempo, e com todo aquele contato virtual</i></p>	Intensificação do uso das redes sociais e aplicativos nas relações interpessoais, de consumo, de trabalho e de estudo/Bauman, 2001.



CATEGORIA	SUBCATEGORIA	PERCEPÇÃO	Traços Característicos/ Aporte Teórico
Topofilia	Confinamento-Lugar-Filia	<p><i>chegava ao ponto de ficar ali perdido. Eu acordava e já tinha ali centenas de mensagens.</i></p> <p>Relatos B: (1) <i>Só em casa, a vida ficou chata, não podia estar perto ou conversar com os colegas e com as pessoas que mais gosto, passei a me relacionar mais pelo WhatsApp.</i> (2) <i>O quarto foi bastante usado, pois eu mesma, não era de ficar no quarto ou até mesmo em casa, tudo isso me obrigou a deixar a vida social e viver uma vida virtual.</i></p>	Confinamento como pausa e ressignificação ambiental/Tuan, 2012; 2013.
Espaço Esco(Lar)	Convergência Casa-Escola	<p>Relatos A: (1) <i>Em casa a dinâmica era outra, muitos afazeres domésticos, além das aulas e do acompanhamento da minha neta, tudo misturado.</i> (2) <i>A minha casa virou escola, mas não tinha um ambiente adequado para dar aulas, as pessoas convivem, fazem barulho, querem conversar, falam, tem o som da TV, e é tanta coisa que não tem na escola, no trabalho.</i> (3) <i>Via como minha casa e também como local de trabalho, só que nesse olhar para a casa, a gente não tinha a compreensão dos familiares, minha mãe dizia 'ela não fez nada hoje, passou o dia na frente do computador e no celular' e eu nos três horários atendendo aluno e fazendo planejamento.</i> (4) <i>Foi frustrante, foi uma coisa bem desagradável, o que a pandemia acabou produzindo em casa, imagina lecionar na frente do computador e, ao mesmo tempo, ter que atender as demandas da família, dentro do mesmo ambiente.</i> (5) <i>Eu via a minha casa de forma diferente, como meu local de trabalho, mas não de descanso, não tinha descanso, e isso me trouxe um certo estresse mental.</i> (6) <i>Mais misturado impossível, não tinha salinha reservada, era na mesa da cozinha mesmo, fazendo comida, as panelas junto com o meu material da escola, era assim.</i> (7) <i>Nós, professores, estávamos acostumados com uma rotina em que tínhamos que sair de casa pela manhã, à tarde e à noite para trabalhar na escola e de repente isso mudou, a cozinha virou um espaço multifuncional, começava e terminava o meu dia na cozinha, dar aulas, atender alunos, ajudar os meus filhos nas tarefas, cozinhar e se alimentar.</i> (8) <i>Em casa, na hora do café, estava tomando café e também falando com os alunos pelo WhatsApp, a gente fazia tudo ao mesmo tempo, quando precisava comprar algo no supermercado eu ia rapidinho, eu deixava as</i></p>	Espaço de convergência funcional da casa e da escola durante o confinamento. / Bauman, 2001; Fischer, 1994; Tuan, 2013.



minhas mensagens todas programadas e em meia hora já estava de volta em casa e era assim, nesse período em casa, a gente acabava fazendo várias coisas ao mesmo tempo.

Relatos B: (1) *Em casa era um tanto conturbado, pois as aulas eram pela TV, bem diferente da sala de aula, tinha muito barulho, e meu irmãozinho gritando, querendo ver desenho.*

Fonte: Elaborado pelos autores

Nota: A quantidade de ocorrências considera o total de percepções explicitadas e não o total de participantes.

A respeito da exponencial virtualização da paisagem do medo, durante a pandemia, alguns autores destacam que, naquele período, as paisagens topofóbicas, como as descritas por Tuan (2005), passaram ocupar destaque em todo o mundo, seja pela eclosão de notícias de milhares de covas rasas em cemitérios improvisados, em diversos países, seja pela exponencial disseminação de informações geradas pelas mídias sociais, que representavam o excesso de informações e até *fake news*, com o propósito não só de desinformar, mas também de alimentar ainda mais essa paisagem do medo (Brussio, 2020; Salgueiro, 2021).

Um traço característico, identificado durante as narrativas dos entrevistados, foi a liquidez nas relações, que se manifestou em diversos âmbitos da vida cotidiana, abrangendo em seu escopo a intensificação do uso das redes sociais para evitar o isolamento e a ansiedade, as relações cotidianas de consumo de produtos e serviços para evitar o risco de contágio, assim como a interações de trabalho remoto e de estudo, esta última marcada não apenas pela flexibilidade, mas também pela precariedade e pela falta de recursos tecnológicos, por parte algumas famílias.

Os relatos dos entrevistados também revelaram temores, inseguranças e incertezas, não diretamente relacionadas ao perigo imediato de contágio, adoecimento ou morte durante a pandemia, manifestando-se, de forma diluída, no receio de alguns professores quanto a conseguirem lecionar remotamente ou no temor de alguns alunos quanto a ficarem em desvantagem, em defasagem ou a não serem bem-sucedidos nos exames escolares e vestibulares. Embora liquefeitos, esses medos causaram ansiedade e insegurança em relação às suas perspectivas futuras, momentaneamente diluídas pelo ambiente pandêmico.

O confinamento para evitar o risco de contágio durante a pandemia recente, experienciado como pausa e fortalecimento do elo afetivo com o lugar ou filia, também foi identificado em um estudo realizado por Oliveira (2022) que teve como escopo o espaço da casa e sua ressignificação. Conforme a pesquisadora, para algumas pessoas, “a pandemia trouxe a necessidade de construção de uma identidade com os espaços, o que levou posteriormente a uma reapropriação da casa e sua valorização, com novos espaços sendo habitados” (Oliveira, 2022, p. 81).

A partir dos relatos dos professores e alunos participantes da pesquisa, foi possível verificar que o espaço de convergência da escola e da casa, denominado nesta pesquisa de Espaço esco(Lar), inerente ao ensino remoto, adotado durante a pandemia recente, tornou evidente a falta de ambiência da casa para o ensino remoto, apesar dos esforços das secretarias de educação, sobretudo dos professores, alunos e familiares para tornar a casa funcionalmente ambientada para atender as atividades de ensino e estudo, naquele conturbado momento pandêmico.

7 A PERCEPÇÃO DOS PARTICIPANTES, ACERCA DO RETORNO AO ESPAÇO ESCOLAR

Com o intuito de verificar a percepção dos professores e alunos acerca do ambiente da escola, após o retorno gradativo das aulas presenciais, foi dirigida a seguinte pergunta aos participantes: “Qual a sua percepção da escola, ao voltar as atividades presenciais de ensino neste ambiente?”. As respostas dadas pelos participantes possibilitou agrupá-las em três categorias: 1. Estranheza - Relacionada ao Topos Escolar Barrado. 2. Retrotopia – Relacionados à nostalgia da escola no período pré-pandemia. 3. Virulofugare - Relacionada ao sentimento de Fugir de Lugares Virulentos (Quadro 3).

Quadro 3. Percepção dos professores e alunos, acerca da escola, ao voltar as atividades presenciais de ensino neste ambiente? Conforme: (A) Professores; (B) Alunos.

A Percepção dos participantes, acerca do retorno ao espaço escolar

Estranheza - Relacionada ao Retorno ao Topos Escolar Barrado

Relatos A: (1) *Em relação ao retorno à escola, a única coisa que tenho a relatar é a sensação estranha que senti, achei muito estranho, para quem estava acostumado àquele lugar diariamente, foi muito estranho;* (2) *No começo, foi um pouco estranho e diferente, pois mesmo estando acostumada àquela rotina na escola, não era a mesma coisa.* (3) *Foi um tanto desconfortável e estranho, na verdade, não foi nada confortável e foi bem estranho, não estava mais ambientada com a escola.*

Relatos B: (1) *Vi a escola como um lugar confortável, porém mais estranho do que eu estava acostumada.* (2) *No início foi muito estranho, difícil e complicado, parecia tudo estranho, mas com o tempo, fui me adaptando à situação.*



A Percepção dos participantes, acerca do retorno ao espaço escolar

Retrotopia - Relacionados à nostalgia da escola pré-pandemia

Relatos A: (1) *Foi um turbilhão de sentimentos, ficava apreensivo com a doença e, ao mesmo tempo, muito feliz, porque eu sou um professor de chão de escola, que gosta de interagir muito com os alunos, então me senti feliz de voltar para a escola, para a dinâmica que tínhamos antes, toda aquela interação, os projetos e iniciação científica da FAPEAM¹⁵, não via a hora de voltar à rotina de antes, de voltar à normalidade.*

Relatos B: (1) *Eu tentava me confortar na escola, porque eu me sentia ruim em estar na escola; então todo dia antes da escola relembrava das coisas de antes que eu sentia saudade, de como era antes na escola. (2) Mesmo que fosse arriscado, estava com saudade de estudar com meus colegas pessoalmente. Não me senti muito bem no começo, mas lembrar da felicidade de estar com os professores com os colegas era algo que eu estava sentindo muita falta. Antes eu não dava valor. Depois que voltou, eu dei valor, pois eu senti a diferença de como a escola era importante para a minha vida. (3) Foi muito incrível voltar à escola. Porém, ainda tinha um pouquinho de pavor. Uma felicidade e nostalgia, onde eu conseguia repensar nas coisas boas e eu pude me acalmar e me relacionar com meus colegas, professores e estudo e o prazer em estudar voltou, foi maior. (4) Para mim foi muito empolgante, muito feliz, só de voltar a frequentar o lugar foi ótimo, já as atividades, as pessoas, tudo tinha mudado, era chato, antes era melhor, tinha muita exigência de higiene, de distanciamento, de máscara, creio que precisamos ter mais higiene, mas sinto muita saudade de como eram as coisas, que bom que as coisas já estão voltando ao normal.*

Virulofugare - Relacionada ao sentimento de Fugir de Lugares Virulentos

Relatos A: (1) *o principal desafio era a doença em si, então ao voltar ao trabalho vimos muitos colegas ausentes, porque ainda estavam com Covid-19, e nesse retorno tivemos colegas que faleceram, aí a preocupação era que podia acontecer com qualquer um que estava ali exposto, a minha vontade era sair dali. (2) Eu me senti com um pouco de medo, preocupada porque muitos colegas adoeceram no primeiro momento. Então no primeiro momento dava vontade de voltar para casa, de fugir, foi preocupante, a meu ver, e eu não me senti confortável por voltar naquele momento. (3) Naquele momento que todo mundo achava que a situação já estava melhor, mais livre da Covid-19, mas as linhas dos gráficos ainda estavam crescendo, ninguém estava vacinado, então o principal desafio foi ficar ali realmente sem medo de se contaminar, sabendo que podia trabalhar sossegado e não correndo o risco de pegar a doença.*

Relatos B: (1) *Quando a gente retornou para a escola, eu tive medo, pensei em fugir, era um medo que eu tinha de ficar na escola, próximo dos alunos, dos professores e ficar doente, porque se você ficasse doente você não recebia nenhum apoio, só no hospital, mas era até mais perigoso, ainda tinha muita gente internada. (2) Voltei para a escola, mas não voltei o mesmo, estar na escola estava me impactando, situações em relação à morte de conhecidos, essas coisas assim, às vezes o coração apertava, sentia angústia de estar ali, um sentimento de não querer estar na escola.*

Fonte: Elaborado pelos autores, a partir dos dados de sistematização da pesquisa.

Nota: A quantidade de ocorrências considera o total de relatos explicitados.

A partir dos relatos, foi possível perceber que, para alguns participantes, o retorno às atividades presenciais na escola, ocorrido após o período de distanciamento social para evitar o risco de contágio, foi percebido com certa estranheza, embora, para aqueles professores e alunos entrevistados, a escola representasse um lugar com certa familiaridade e um elo afetivo já experienciado e conhecido.

Sentir-se estranho, de acordo com Tuan (2013, p. 246), representa que “o sentido de lugar é uma qualidade do equilíbrio do conhecimento entre sentir-se enraizado no lugar, que é inconsciente, e sentir-se estranho, que está associado a uma consciência exagerada - e exagerada porque é somente ou em grande parte mental”.

¹⁵ Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas.

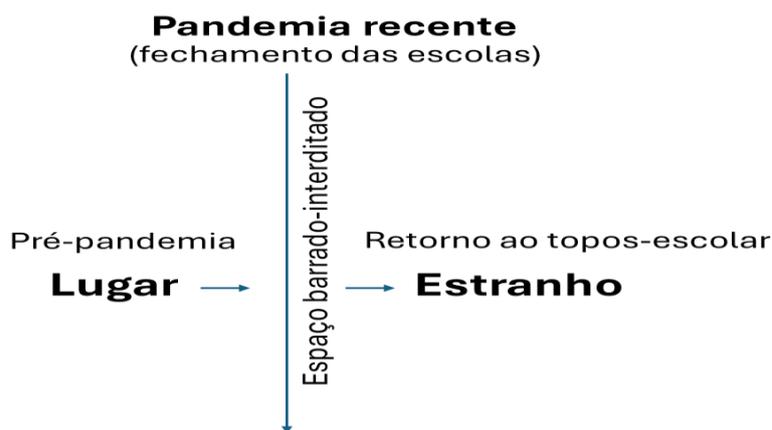


Todavia, de acordo com Freud (1996), o estranho representa algo familiar, conhecido e acolhedor, que foi barrado ou interditado, passando a se manifestar inconscientemente, sobre a forma de angústia frente à realidade. Neste mesmo entendimento, Chemama (1995, p. 63) salienta que a estranheza representa um “sentimento de mal-estar e de singularidade diante de um ser ou objeto familiar e perfeitamente conhecido”. Já Cabral (2006) relaciona o estranhamento ao distanciamento social, situando-o entre a incompreensão e o conflito.

Ousamos, nesta pesquisa, apropriarmo-nos dos conceitos de “estranho” e “estranhamento” da psicanálise e da psicologia técnica, transpondo-os do campo do inconsciente ao “topos-escolar”, com o intuito de categorizar as percepções dos entrevistados em relação à escola como “espaço estranho”, pelo motivo de este espaço ter sido momentaneamente “barrado” ou interditado.

Neste sentido, a interdição ou barramento da escola, durante o distanciamento social para evitar o risco de contágio pelo SARS-CoV-II, poderia explicar o estranhamento percebido por professores e alunos ao voltar ao topos-escolar, após o retorno às aulas que foram barradas ou interrompidas pela ruptura causada pela pandemia recente (Figura 5).

Figura 5. Estranheza relacionada ao retorno ao topos-escolar barrado.



Fonte: Elaborado pelos autores, a partir de Cabral (2006); Chemama (1995); Freud (1996).

A análise dos relatos dos entrevistados também nos possibilitou categorizá-los, tomando como referência o neologismo “retrotopia”, cunhado por Bauman (2017), transpondo-o para o campo educacional, vinculando-o ao pertencimento dos sujeitos à escola pré-pandemia.

Para Bauman (2017), a retrotopia caracteriza uma certa tendência, presente na sociedade líquido-moderna, que identificamos entre os relatos dos participantes desta



pesquisa. Trata-se da busca por um mundo melhor no passado ou, no caso da presente pesquisa, da busca pela escola melhor no passado (pré-pandêmico), ainda que não fosse perfeita ou ideal, no caso da escola, ou utópica, no caso das sociedades descritas por Bauman.

O autor traça como principal característica da retrotopia a nostalgia como mecanismo paliativo de defesa, diante das incertezas e da impotência ante o mundo líquido moderno ou, no caso em tela, do ambiente pandêmico recente, caracterizando uma falsa e momentânea sensação de segurança e pertencimento.

A partir dos relatos dos entrevistados, foi possível verificar que a sensação de fobia ao voltar à escola não estava diretamente relacionada ao retorno ao “topos-escolar”, mas representava o medo de estar em lugares que pudessem representar algum risco de contágio e, com a pandemia ainda em curso, muitos lugares eram percebidos como virulentos.

Nesse sentido, embora vários pesquisadores utilizem os neologismos “topofilia” e “topofobia” (Tuan, 2005, 2012) para representar o elo afetivo com a escola, não nos pareceu prudente vincular a fobia ao retorno à escola, lugar experienciado e vivenciado de forma afetiva expressivamente amorosa por professores e alunos.

Por causa disso, e com a pretensão de melhor precisar a percepção dos entrevistados, frente a espaços que pudessem representar risco de contágio, tomamos a ousada iniciativa de propor outro neologismo denominado “virulofugare”, vinculando-o à sensação ou intenção de fugir de lugares virulentos.

Acreditamos que, ao cunhar o neologismo “virulofugare”, estaremos melhor caracterizando as representações dos envolvidos no sentido de fugir dos *topos* virulentos, espaços considerados propensos à transmissão de patógenos, que extrapolam a mera delimitação de elo afetivo com o lugar, o que restringe significativamente a utilização dos neologismos “topofilia” e “topofobia”, que estão ligados conceitualmente à pausa no fluxo tempo-lugar¹⁶, que são determinantes para os conceitos de espaço, lugar e topofilia de Yi-Fu Tuan.

A apresentação do neologismo “virulofugare” como a ação ou intenção de fugir dos *topos* virulentos vincula-o diretamente à primeira classe dos eventos inesperados impeditivos do meio ambiente, descritos por Tuan (2005) como epicentros ou, em menor proporção, lugares afetados por epidemias ou, ainda, por doenças com proporções pandêmicas.

¹⁶ O fluxo tempo-lugar-filia na obra de Tuan (2012, 2013) foi descrito nesta pesquisa na Figura 2. A relação tempo-lugar-filia como movimento e pausa no fluxo temporal.



8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 2020, um dos eventos inesperados e impeditivos do meio ambiente¹⁷, identificado por Tuan (2005) na obra “Paisagem do Medo”, causou grande impacto sobre a humanidade: a pandemia de Covid-19. Pela primeira vez na história, o avanço de uma pandemia foi acompanhado pelo mundo em tempo real.

A intensificação da cobertura em tempo real da pandemia recente pelos *sites*, redes sociais e mídia em geral possibilitou a desterritorialização¹⁸ da paisagem do medo, criando uma paisagem do medo virtual, ampliando o estado de alerta e ansiedade em escala global. A percepção dos envolvidos acerca do ambiente da casa, durante o período de confinamento, mostra a exponencial virtualização da paisagem do medo pelas emissoras e redes sociais durante a pandemia.

Diversos estudos associam eventos que impactam o meio ambiente, como desmatamentos, ao risco de extinção e redução de espécies, propensas a serem portadoras de patógenos que podem sofrer mutações para adaptar-se ao novo ambiente degradado, aumentando o risco de causar novas epidemias (Brancaion *et al.*, 2020; Campello; De Oliveira; Do Amaral, 2021; Pierro; Jacobi, 2021; Tollefson, 2020).

Com o recrudescimento da pandemia recente, o uso das tecnologias de comunicação intensificou também a liquidez nas relações, pela necessidade de confinamento e distanciamento social para evitar o risco de contágio pelo SARS-CoV-2, conforme aquelas descritas por Bauman (2001).

Neste contexto, o ensino remoto foi a solução emergencial adotada, fazendo da casa um lugar de convergência de demandas domésticas, institucionais, relações de trabalho, de consumo e de estudo, que denominamos de Espaço Esco(Lar).

Todavia, estudar ou trabalhar remotamente em casa esbarrou em diferentes funções sociais, que caracterizam os espaços residenciais e os diferem dos espaços de trabalho, conforme descritos por Fischer (1994) na obra “Psicologia Social do Ambiente”, mostrando o quão complexa foi a tarefa de fazer a escola fluir para dentro das casas, através do ensino remoto e do *home office* dos professores, em plena pandemia.

¹⁷ A descrição dos eventos inesperados impeditivos do meio ambiente, conforme Tuan (2005), incluem pandemias, secas severas, incêndios descontrolados, inundações e terremotos.

¹⁸ Essa desterritorialização está relacionada às transformações sociais e culturais provocadas pela difusão das tecnologias digitais, ocorrendo quando os signos se desprendem do suporte material e passam a circular de forma virtual no ciberespaço, através das redes de comunicação de maneira desterritorializada, como descrita por Levy (1996, 1999).



Para além do perigo imediato de morte durante a pandemia recente, outros temores e ameaças surgiram de forma diluída entre professores e alunos entrevistados, passando a se configurar como medo de segundo grau, denominado por Bauman (2022) como “medo líquido”, e manifestando-se sob a forma de ansiedade constante e insegurança em relação às perspectivas futuras, em um ambiente onde as certezas se desfizeram, foram diluídas ou estão fora de controle.

O medo líquido se manifestou sob a forma de medo de não conseguir trabalhar remotamente, seja pela ausência de recursos tecnológicos ou pela dificuldade em dominá-los em pouco espaço de tempo, medo de compartilhar suas aulas ou de se expor, medo de ser reprovado, medo de ficar em desvantagem ou em defasagem de aprendizagem, ou, ainda, de não ser aprovado nos exames vestibulares.

Os relatos dos entrevistados também revelaram temores, inseguranças e incertezas, não diretamente relacionados ao perigo imediato de contágio, adoecimento ou morte durante a pandemia, manifestando-se, de forma diluída, no receio de alguns professores quanto a não conseguirem lecionar remotamente ou no temor de alguns alunos quanto a ficarem em desvantagem, em defasagem ou a não serem bem-sucedidos nos exames escolares e vestibulares.

O confinamento para evitar o risco de contágio, durante a pandemia recente, também foi experienciado por alguns professores e alunos entrevistados como pausa e fortalecimento do elo afetivo com a casa, presente na sua reapropriação e sua valorização, sobretudo de espaços como jardins, quintais e pátios.

A partir dos relatos dos professores e alunos participantes da pesquisa, foi possível verificar que o espaço de convergência da escola e da casa, denominado nesta pesquisa de Espaço Esco(Lar), por ocasião da implementação do ensino remoto, durante a pandemia recente, tornou evidente a falta de ambiência da casa para o ensino remoto, apesar dos esforços das secretarias de educação, sobretudo dos professores, alunos e familiares para tornar a casa funcionalmente ambientada para atender as atividades de ensino e estudo, naquele conturbado momento pandêmico.

A percepção dos professores e alunos acerca do ambiente da escola, após o retorno gradativo das aulas presenciais, foi retratada com certa estranheza, embora, para aqueles professores e alunos entrevistados, a escola representasse um lugar com certa familiaridade e um elo afetivo já experienciado e conhecido.

Neste sentido, a interdição ou barramento da escola, durante o distanciamento social para evitar o risco de contágio pelo SARS-CoV-II, poderia explicar o estranhamento



percebido por professores e alunos ao voltarem ao *topos*-escolar, após o retorno às aulas que foram barradas ou interrompidas pela ruptura causada pela pandemia recente.

Identificamos entre os relatos dos participantes certa nostalgia presente em suas falas, caracterizando a busca pela escola melhor no passado (pré-pandêmico), descrita por Bauman (2017) como retrotopia. O autor traça como principal característica da retrotopia a nostalgia como mecanismo paliativo de defesa, diante das incertezas e da impotência ante o mundo líquido moderno ou, no caso em tela, do ambiente pandêmico recente, caracterizando uma falsa e momentânea sensação de segurança e pertencimento.

Com a pretensão de melhor precisar a percepção dos entrevistados, frente a espaços que pudessem representar risco de contágio, utilizou-se um novo neologismo denominado “virulofugare”, vinculando-o à sensação ou intenção de fugir de lugares considerados virulentos, considerados propensos à transmissão de patógenos, que extrapolam a mera delimitação de elo afetivo com o lugar, o que restringe significativamente a utilização dos neologismos “topofilia” e “topofobia”, de Yi-Fu Tuan.

REFERÊNCIAS

AMAZONAS, **Decreto nº 42061** de 16/03/2020. Diário Oficial do Estado do Amazonas, 16 mar. 2020. DISPÕE sobre a decretação de situação de emergência na saúde pública do Estado do Amazonas, em razão da disseminação do novo coronavírus (2019-nCoV), e INSTITUI o Comitê Intersectorial de Enfrentamento e Combate ao COVID-19. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=391375> .Acesso em: 25 jun. 2023.

AMAZONAS, **Decreto nº 42099** de 21/03/2020. Diário Oficial do Estado do Amazonas, 21 mar. 2020. Dispõe sobre medidas complementares temporárias, para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional, decorrente do novo coronavírus. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=391194> . Acesso em: 25 jun. 2023.

AMAZONAS, **Decreto nº 42608** de 06/08/2020. DISPÕE sobre a autorização para a retomada das atividades escolares presenciais, do ensino médio e fundamental, no âmbito da rede pública estadual de ensino, na cidade de Manaus, e estabelece normas e recomendações para o retorno gradual de tais atividades. Diário Oficial do Estado do Amazonas, 06 ago. 2020. Disponível em: <https://www.transparencia.am.gov.br/wp-content/uploads/2020/08/DECRETO-n.-42.608-de-06-de-agosto-de-2020.pdf> . Acesso em 29 dez. 2023.

ARRUDA, Eucidio Pimenta. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **EmRede-Revista de Educação a Distância**, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621> . Acesso em: 25 set. 2023.



BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2016, 279 p.

BAUMAN, Z. **44 cartas do mundo líquido-moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BAUMAN, Z. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. **Retrotopia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BRANCALION, Pedro HS et al. Emerging threats linking tropical deforestation and the COVID-19 pandemic. **Perspectives in ecology and conservation**, v. 18, n. 4, p. 243-246, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.pecon.2020.09.006> . Acesso em 21 dez. 2023.

BRUSSIO, Josenildo Campos. Apresentação: **O Imaginário do medo em tempos de pandemia**. 2020. Disponível em: <https://periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/infinitum/article/view/14671> . Acesso em 05 jan. 2024.

CABRAL, A. NICK, E. **Dicionário Técnico de Psicologia**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAMPELLO, Livia Gaigher Bósio; DE OLIVEIRA, André Ferreira; DO AMARAL, Raquel Domingues. O direito fundamental a saúde na intersecção da crise ambiental com a pandemia da covid-19. **Revista Jurídica**, v. 5, n. 62, p. 596-634, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.26668/revistajur.2316-753X.v5i62.4989> . Acesso em 21 dez. 2023.

CHEMAMA, Roland. **Dicionário de Psicanálise**. trad. Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes, 1995.

COELHO, Tatiana Costa; REIS, Jennyfer Gregório. **A educação e o “novo normal”:** **uma análise do teletrabalho em período de pandemia**. 2021. Disponível em: <https://revista.unifagoc.edu.br/index.php/caderno/article/view/967/838> . Acesso em: 18 dez. 2023.

DA CONCEIÇÃO SILVA, Delmira Santos; DOS SANTOS, Marília Barbosa; SOARES, Maria José Nascimento. Impactos causados pela COVID-19: um estudo preliminar. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 15, n. 4, p. 128-147, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/10722> . Acesso em: 18 dez 2023.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34 Ltda, 2010.

FISCHER, Gustave N. **Psicologia Social do Ambiente**. 2ª ed. Ed. INSTITUTO PIAGET.

FRANCO, M. **Análise de conteúdo**. Liber Livro Editora, 2005.

FREUD, Sigmund. “O Estranho”. In: Uma neurose infantil e outros trabalhos. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. XVII. p. 235-267, 1996.



GALVÃO, M. **A história da medicina em Manaus**. Manaus: Valer, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual**. São Paulo: Editora 34, 1996.

Lisboa, 1994.

MAGALHÃES, Rodrigo Cesar da Silva. Pandemia de covid-19, ensino remoto e a potencialização das desigualdades educacionais. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 28, p. 1263-1267, 2021. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702021005000012> . Acesso em: 08 nov. 2023.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Questionário e entrevista na pesquisa qualitativa** **Elaboração, aplicação e análise de conteúdo**. São Paulo: Pedro e João, 2020.

MARTINI, Mariano et al. The Spanish Influenza Pandemic: a lesson from history 100 years after 1918. **Journal of preventive medicine and hygiene**, v. 60, n. 1, p. E64, 2019. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6477554/> . Acesso em: 25 jun. 2023.

MINAYO, Maria Cecília. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista pesquisa qualitativa**, v. 5, n. 7, p. 1-12, 2017. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7429265/mod_resource/content/1/amostragem%20e%20saturac%CC%A7a%CC%83o%20pesq%20qualitat%20Minayo%202017.pdf . Acesso em: 25 jun. 2023.

MORIN, E. **A natureza da natureza**. Porto Alegre: sulina, 2002

OLIVEIRA, R. **O espaço da casa e sua resignificação durante a pandemia de COVID-19**. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais. Criciúma, 2022. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/handle/1/10497> . Acesso em: 05 de jan.2024.

PIERRO, Bruno de; JACOBI, Pedro Roberto. Crise Ambiental e Pandemia: descaminhos no Brasil e Rumos para uma Nova Governança. **Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science**, v. 10, n. 2, p. 9-25, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21664/2238-8869.2021v10i2.p09-25> Acesso em: 21 dez. 2023.

SALGUEIRO, M. **COVID-19 e medo Social: vivências emocionais em tempos de pandemia. Um mundo de incertezas: as leituras possíveis de um tempo pandêmico**, p. 95-111, 2021. Disponível em: Disponível em: <http://hdl.handle.net/11144/5076> . Acesso em 05 jan. 2024.

SCHÜLER, Donaldo. **Heráclito e seu (dis)curso**. Porto Alegre: LP&M, 2000.

SILVA, D. **O Programa Mais Médicos no Amazonas: um olhar sobre a força de trabalho médica e a infraestrutura das Unidades Básicas de Saúde**. Dissertação (mestrado) – Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/24058/2/ve_Diego_Ferreira_ENSP_2017.pdf . Acesso em 22 dez. 2023.



SILVEIRA, R; PINHEIRO, R. Entendendo a necessidade de médicos no interior da Amazônia – Brasil. **Revista Brasileira de Educação Médica**, 38 (4) : 451-459, 2014. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/rbem/v38n4/06.pdf>> Acesso em 13 de jan. 2021.

TAUBENBERGER, Jeffery K.; MORENS, David M. 1918 Influenza: the mother of all pandemics. **Revista Biomedica**, v. 17, n. 1, p. 69-79, 2006. Disponível em: <https://www.medigraphic.com/pdfs/revbio/bio-2006/bio061i.pdf> . Acesso em: 25 jun. 2023.

TOLLEFSON, Jeff. Why deforestation and extinctions make pandemics more likely. **Nature**, v. 584, n. 7820, p. 175-177, 2020. Disponível em: <http://www.nature.com/nature/index.html> . Acesso em 21 dez.2023.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Unesp, 2005.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2013.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v.22, n. 44, p. 203-220, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977> . Acesso em: 25 jun.2023.

